

# “Não caberão em todas as paredes delle os seus retratos”. Galerias apologéticas luso-italianas das ordens religiosas: entre elencos eruditos e listas iconográficas (sécs. XVII-XVIII)\*

PAOLA NESTOLA

CHSC, Universidade de Coimbra  
nestolap@gmail.com

**Resumo:** O estudo visa focar a atenção sobre distintas obras literárias luso-italianas, produzidas pelas ordens religiosas, nomeadamente dominicanos e teatinos, entre os séculos XVII e XVIII. Uma reflexão sobre uma produção escrita e iconográfica vertiginosa, a qual, através de específicos códigos históricos, teológicos, literários e iconológicos, permitia uma poderosa visão sinóptica e ao mesmo tempo tangível da extensão dos seus membros no número, qualidade e variedade de funções desenvolvidas em territórios católicos como o italiano ou a península atlântica e o seu Império.

**Palavras-chave:** Literatura apologética, Iconologia, Dominicanos, Teatinos, Península italiana, Portugal.

## “Não caberão em todas as paredes delle os seus retratos”. Apologetic luso-italian galleries of the religious orders: between erudite catalogues and iconographic lists (17th-18th centuries)

**Abstract:** The study aims to focus its attention on the different luso-italian literary works created by religious orders, namely the dominicans and the theatines, between the 17th and the 18th centuries. A reflection about a staggering written and iconographic production which, through specific historical, theological, literary and iconological codes, allows for a powerful synoptic vision and, at the same time, translates the extension of its members in their number, quality and variety of functions developed in catholic territories such as the italian one or the atlantic peninsula and its Empire.

**Keywords:** Apologetic literature, Iconology, Dominicans, Theatines, Italian peninsula, Portugal.

\* A pesquisa foi desenvolvida durante o projeto de pós-doutoramento FCT (SFRH/BPD/62887/2009). O texto retoma e aprofunda o seminário proferido no dia 17 de junho de 2014, no âmbito do *Seminário de História Religiosa, Época Moderna*, organizado na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, consagrado à temática do *Clero regular*. Pelo convite a participar e pelo desafiante tema proposto agradeço aos Professores José Pedro Paiva, David Sampaio Barbosa, António Camões Gouveia, Antónia Fialho Conde e Zulmira Santos. Estou igualmente grata ao Doutor Sérgio Gorjão e ao Professor Doutor José Pedro Paiva pelos comentários, sugestões e pela revisão do meu texto português. Um agradecimento ao pessoal das muitas Bibliotecas e Instituições científicas onde desenvolvi a pesquisa, e às que disponibilizaram os documentos iconográficos de base do itinerário de análise: Archivio Generale dei Teatini, Roma; Biblioteca Casanatense, Roma; Biblioteca João Paulo II, Universidade Católica Portuguesa (Lisboa). Este texto apresentado em 2014 foi dedicado à memória de p. Bartolomeo Mas C.R. (†2014), Diretor do Arquivo dos Teatinos, e à generosa hospitalidade luso-francesa de Sérgio Gorjão, João Machado e Gabriella Nestola.

## 1. Premissa

O estudo visa refletir sobre os textos usados por algumas ordens religiosas para organizar, segundo uma sucessão escrita ou figurada, o conjunto dos seus membros, a partir das sugestões do recente livro de Umberto Eco, *A vertigem das listas*<sup>1</sup>. Um estudo interessante, através do qual o conceituado semiólogo se interroga sobre a história das formas de representação das enumerações, sobre as suas evoluções ao longo do tempo e, finalmente, sobre a distinção entre elencos práticos e listas poéticas. Entre essas duas tipologias organizativas, enquanto as primeiras são inalteráveis, referenciais e finitas (como por exemplo catálogos ou listas de coisas); as poéticas criam transbordantes enumerações e sugerem a imensa vertigem do infinito.

O itinerário proposto, aliás, apresenta fundamentalmente uma categoria de fontes produzidas no interior da *ordo predicatorum*. Estes textos impressos, concebidos quer na Península Italiana quer em Portugal, foram editados entre o final de Seiscentos e a primeira metade do século XVIII. Como veremos, analisadas juntamente com obras compostas por autores de outras ordens regulares, refletem os programas celebrativos dessas congregações religiosas, sem ocultar os propósitos universais de regras de antigas cronologias, ramificadas geograficamente, cujos membros se distinguiram não só no serviço da Igreja de Roma, mas também das monarquias europeias, com propagação transnacional. Confrontando obras editoriais de instituições e congregações diferentes, de instituição pré ou pós tridentina, será possível identificar códigos expressivos específicos e, ao mesmo tempo, distinguir as linhas de erudição que conectam os territórios europeus entre o final do século XVII e o início do seguinte.

Entre os textos literários de forte implantação apologética e autorrepresentativa serão analisados sobretudo os dos dominicanos, escolha que, se por um lado se insere no renovado e global interesse historiográfico pelo clero regular<sup>2</sup>, por outro,

<sup>1</sup> Umberto Eco – *A vertigem das listas*. Lisboa: Difel, 2009.

<sup>2</sup> Relativamente ao debate que em Itália nos últimos anos estimulou um novo olhar sobre distintos aspetos das ordens regulares, vejam-se as notas introdutórias e a bibliografia dos monográficos consagrados ao tema das instituições religiosas: Massimo Carlo Giannini (a cura di) – *Religione, conflittualità e cultura. Il clero regolare nell'Europa d'antico regime*. *Cheiron*. 27 (2005) 7-23; Marina Caffiero, Franco Motta e Sabina Pavone (a cura di) – *Identità religiosa e identità nazionali in età moderna. Dimensioni e problemi della ricerca storica*. I (2005) 7-93; Simona Feci, Angelo Torre (a cura di) – *Ordini Regolari. Quaderni Storici*. 40:119 (2005). Uma síntese ulterior é oferecida por: Flavio Rurale – *Monaci, frati, chierici. Gli ordini religiosi in età moderna*. Roma: Carocci, 2008, p. 21-32. Sobre a lógica “nacional” que é necessário ultrapassar e sobre a lógica distributiva das redes regulares: Mario Rosa – *Clero cattolico e società europea nell'età moderna*. Roma-Bari: Laterza, 2006, p. 89-136; Fiorenzo Landi – *La globalizzazione dei regolari: le dimensioni europee della rete dei monasteri e dei conventi*. In Roberto Di Pietra e Fiorenzo Landi – *Clero, economia e contabilità in Europa tra Medioevo ed età Contemporanea*. Roma: Carocci, 2007, p. 147-155.

encaixa-se no âmbito específico evidenciado por Federico Palomo na sua síntese referente ao caso português:

“o papel sobredimensionado que frequentemente se atribui a grupos como os jesuítas, bem organizados do ponto de vista burocrático e propagandístico, contrasta com a atenção dada a outras congregações religiosas, como os franciscanos e os dominicanos que, apesar de terem tido um peso semelhante ao da Companhia de Jesus, não acompanharam com igual intensidade o empenho escriturário e memorístico dos inicianos, deixando assim menos traços da sua presença”<sup>3</sup>.

Pelas cronologias consideradas, o percurso de pesquisa proposto insere-se, ainda, no papel das congregações religiosas na Real Academia Portuguesa da História. Nesse sentido uma boa premissa é o estudo de Isabel Mota Ferreira, que se debruça quer sobre as articulações de poder que rodeavam essa instituição régia, quer sobre o peso dos académicos genealogistas – fundamentalmente os teatinos – “manipuladores” de um saber científico que os habilitava a intervir no intrincado mundo da definição dos estatutos sociais<sup>4</sup>. Entre a antiga ordem mendicante e a nova congregação religiosa dos clérigos regulares da Divina Providência, fundada na primeira metade do século XVI, não faltarão as comparações úteis para evidenciar tratos identitários das duas instituições transnacionais. Na legião dos “Cães da Fé” (*Domini Canes*), teólogos, confessores, pregadores, mestres, capelães-mor, inquisidores, etc., foi a categoria das altas dignidades eclesiásticas episcopais que permitiu a aproximação aos géneros literários como catálogos e tabelas cronológicas. Através da série dos arcebispos e bispos recrutados na Ordem dos Pregadores durante a época pós-tridentina, pudemos perceber algumas características do género artístico-literário conhecido como “galerias”.

Durante séculos foram construídas muitas dessas tipologias artísticas; tanto na antiguidade, segundo Plínio, como posteriormente, com novo vigor na Itália, a partir do século XIV, multiplicando-se com ritmos diferentes em outros territórios como França e Espanha, entre espaços laicos ou eclesiásticos<sup>5</sup>. Em particular, as coleções de retratos célebres nos ambientes religiosos tinham múltiplas funções: eram instaladas como decoração de bibliotecas; inseridas em contextos arquitetónicos

<sup>3</sup> Federico Palomo – *A Contra-Reforma em Portugal 1540-1700*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006, p. 49.

<sup>4</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real de História. Os intelectuais, o poder cultural e o poder monárquico no séc. XVIII*. Coimbra: Minerva, 2003; João de Figueirôa Rêgo – *Reflexos de um poder discreto*. Lisboa: Caleidoscópio, 2008.

<sup>5</sup> É célebre a *Galleria delle carte geografiche* no Vaticano, realizada entre 1580-1583 pelo dominicano matemático e cartógrafo Egnazio Danti, por encomenda do Papa Gregório XIII. Cfr. Lucio Gambi, Marica Milanese, Antonio Pinelli – *La Galleria delle carte geografiche in Vaticano. Storia e iconografia*. 3 vol. Modena: Panini, 1996. Por outros exemplos: Marc Fumaroli – *La Galeria de Marino et la Galerie Farnèse: Épigrammes et œuvres d'art profanes vers 1600*. In *Les Carrache et les décors profanes, Actes du colloque organisé par l'École Française de Rome (Rome, 2-4 octobre 1986)*. E.F.R. Palais Farnèse, 1988, p. 163-182; agora Marc Fumaroli – *L'école du silence. Le sentiment des images au XVIIIe siècle*. Paris: Flammarion, 1998, p. 47-69.

sagrados ou profanos; realizadas como sequências de imagens transmitidas entre textos escritos, como as árvores genealógicas e ainda as obras em medalhões, dos séculos XII-XV<sup>6</sup>. Os casos que examinaremos, relativos aos séculos XVII e XVIII, constituem uma pequena, mas sintomática, seleção da “fecunda vinha dominicana”. Aliciar os visitantes, maravilhar os hóspedes, admoestar quantos acediam às bibliotecas e outros espaços conventuais, constituir modelos morais ou espirituais oferecendo *exempla ad admirandum* ou *ad emulandum*, em particular aos membros mais jovens e aos noviços, essas coleções escritas ou visuais serviam para celebrar o poder cultural conseguido. Além disso, sendo esquemas capazes de “classificar”<sup>7</sup>, permitiam a ostentação do prestigioso *status* conquistado quer na corte curial e celestial, quer nos palácios de reis, príncipes e homens de governo.

No período barroco as diferentes famílias regulares criaram grandes ciclos de pinturas históricas consagradas aos personagens prestigiosos das respetivas ordens. Franciscanos, agostinhos, dominicanos, carmelitas, cistercienses, trinitários, jerónimos, cartuxos e jesuítas, essas milícias de antiga ou nova instituição, empenharam-se particularmente na promoção imagética da sua regra. Muitas vezes, recorrendo ao talento dos melhores artistas, todos estes ramos da Igreja regular promoveram uma abundante iconografia de narração, difusão e legitimação das suas ordens. Um processo que teve pleno desenvolvimento no século XVII, e que encontrou em igrejas, claustros, refeitórios, bibliotecas ou outras salas conventuais, o ambiente apropriado para uma exposição/leitura histórica, retórica ou mística. De acordo com Paul Guinard, atento historiador da arte espanhola e da pintura de um artista de ambientes monásticos como Francisco de Zurbarán, tratou-se de uma tendência abrangente que interessou numerosas instituições regulares, cujos patrimónios artísticos foram dispersos, em muitos casos, pelos conflitos bélicos ou políticos dos últimos séculos, alterando, portanto, a leitura e a fruição dessas coleções<sup>8</sup>.

## 2. O Claustro Dominicano: um “edifício” vertiginoso

As galerias de eclesiásticos regulares não têm somente um suporte pictórico, também dispõem de outras formas artísticas organizativas: eloquentes configurações bi/tridimensionais que acompanham e corroboram a *vis* comunicativa das obras literárias. O seguinte documento português é particularmente significativo

<sup>6</sup> Dominique Donadieu-Rigaut – *Penser en images les ordres religieux: XIIe-XVe siècles*. Paris: Éditions Arguments, 2005.

<sup>7</sup> Jean Claude Schmitt – Les images classificatrices. *Bibliothèque de l'École de Chartes*. 147 (1989) 311-341.

<sup>8</sup> Paul Guinard – *Zurbarán et les peintres espagnols de la vie monastique*. Paris: Les Éditions du Temps, 1960.

para nos guiar, constituindo um interessante testemunho do convento de São Domingo de Lisboa, estrutura destruída durante o terramoto de 1755<sup>9</sup>:

“Leytor, he sem duvida que não ignoras o louvavel estilo que praticão as Sagradas Religiões, assim neste Reino de Portugal como nos mais, de adornarem os seus Claustros, Portarias, Antecoros, Capitulos, Galarias & outras Casas dos seus Conventos com pinturas dos sogeytos principaes, que nella florecerão assim nas virtudes como nas letras & dos que por ellas forão promovidos a differentes cargos & dignidades. E desta sorte se nos sogeytos que existem dão a conhecer ao mundo o que são.”

Com estas palavras Fr. Pedro Monteiro iniciava o seu *Claustro dominicano*<sup>10</sup>, oferecido ao soberano D. João V, amante de livros, da leitura e principal mecenas da Real Academia da História que dinamizava a produção e o mercado do livro em Portugal<sup>11</sup>. Não é casual que, por meio da carta dedicatória ao “leitor”, o ilustre dominicano colocava o seu público – talvez o régio e culto mecenas – em múltiplos espaços dos “sagrados fortins”. Assim, o religioso dava um vívido exemplo de práticas quotidianas, sociais e culturais, por meio das quais se transmitia o conhecimento e a memória da sua regra, como das outras ordens e, em particular, dos expoentes elevados a cargos e funções proeminentes<sup>12</sup>.

Possivelmente, Fr. Pedro Monteiro queria guiar o ‘itinerário do olhar’ do rei Magnânimo, principal dispensador de graças e mercês, de cargos proeminentes nas hierarquias eclesiásticas naquela conjuntura afetada pelas ordens regulares<sup>13</sup>. Nesse sentido, podemos retomar uma ideia desenvolvida em 1988 por Ana Isabel Buescu, baseada na obra *O Peregrino Instruído*, um pequeno escrito anónimo mas, na realidade, composto nas primeiras décadas do século XVIII pelo académico teatino Manuel Caetano de Sousa<sup>14</sup>. De acordo com a análise de Buescu, a obra constituía uma forma específica de observação, um descanso contemplativo estruturado como um rol de questões sobre homens e coisas. De facto, as perguntas do viajante refletiam a procura de um olhar aprofundado e até crítico sobre as coisas e o estado eclesiástico, obedecendo quer à sua estrutura natural, quer construída. Entre os

<sup>9</sup> Sobre a articulação dessa estrutura conventual habitada ao início do século XVIII por 120 frades: *História dos Mosteiros, Conventos e Casas religiosas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1972, vol. II, p. 91-108. Ulteriores informações na entrada *Dominicanos*, de Raul A. Rolo, in *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol. C-I. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 82-88, 86. Outras referências *infra*.

<sup>10</sup> A obra foi editada por Antonio Pedrozo Gairam, Lisboa, 1729, p. 3.

<sup>11</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 84-96.

<sup>12</sup> Sobre a metáfora do edifício usada isoladamente ou em combinação com a simbologia vegetal da árvore para representar a existência de uma hierarquia entre os membros da ordem: Dominique Donadieu-Rigaut – *Penser en images les ordres religieux: Xlle-XVe siècles*. Paris: Ed. Arguments, 2005.

<sup>13</sup> José Pedro Paiva – *Os Bispos de Portugal e do Império (1495-1777)*. Coimbra: Imprensa da Universidade Coimbra, 2006, p. 487-489.

<sup>14</sup> Ana Isabel Buescu – *O “Peregrino Instruído”*. Em torno de um projecto de viagem Setecentista. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*. 2 (1988) 27-58.

argumentos tratados nas interrogações, o exame da matéria eclesiástica teve um papel relevante<sup>15</sup>. Uma organização específica utilizada pelo académico de Sousa e que pode apreciar-se também na obra editada alguns anos depois pelo coevo frade dominicano Fr. Pedro Monteiro<sup>16</sup>. De facto, continuando com a leitura da carta ao leitor que abre o *Claustro Dominicano*, reparamos nos convites expressos pela guia e arquitecto de “raríssimo engenho” da construção artístico-literária<sup>17</sup>:

“[Leitor] Agora entra pela portaria do Convento de São Domingos desta corte, passa ao Claustro, visita o Capitulo, chega ao Antecoro & sobe ao dormitorio, em todos estes lugares que has visto? Somente huns azulejos em que estão pintados alguns passos da vida de São Domingos. Que conceyto formas do que ves? Faze sobre isto o juizo que te parecer; que a verdadeyra razão he, que se esta Provincia houvesse de mandar retratar todos os filhos que o merecerão erão poucas todas as rendas do convento para gastar em pinturas. Alem do que não caberão em todas as paredes delle os seus retratos ainda que o de cada hum fosse somente huma pequena lamina”<sup>18</sup>.

Nesta curta citação (apenas 16 linhas de texto na composição original) temos uma alternância de passagens incrível. Antes de tudo podemos distinguir não uma, mas múltiplas listas de coisas: temos uma sucessão diferente de ambientes, uma articulação de objetos, um conjunto de pessoas (província regular), uma alternância de paredes e um sem-fim de retratos. Nesse intrincado trecho podemos, ainda, distinguir uma conexão entre um elemento e muitos mais. Por exemplo: entre uma pessoa e outros (São Domingos e os membros seus confrades); entre um dominicano e muitos objetos e muitos espaços (o patriarca da ordem e os azulejos que decoram os numerosos ambientes); um nexos entre tantas coisas e muitas formas (a quantidade de dinheiro necessário pela realização dos retratos, ou e as ações dos ilustres expoentes da província; finalmente, a inumerável quantidade de retratos e o incalculável número das singelas miniaturas). Além disso, seguindo os convites de Monteiro, podemos, também, “ver” todos aqueles numerosos espaços e coisas: “em todos estes lugares que has visto?”; e ainda: “Que conceyto formas do que ves?”.

A operação sugerida pelo dominicano não tem simplesmente a conotação física de olhar. Ao contrário de um mero “olhar”, de acordo com o que foi evidenciado

<sup>15</sup> Ana Isabel Buescu – O “Peregrino Instruído”...

<sup>16</sup> Esse interessante documento literário foi elaborado pelo frade pregador e académico no segundo decénio de Setecentos (13 de maio de 1723, segundo a data da autorização do volume redigida pelo provincial): Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, p. 3-4. Relativamente ao primeiro volume do *Claustro dominicano*, segundo a autorização de Fr. Joseph de Souza, qualificador do Santo Officio, “parece fabricado para habitação do tempo”, Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...* No século passado, foi mais leve o juízo de Fortunato de Almeida sobre esta obra considerada “volumosa, porém cheia de negligências e inexactidões”, Fortunato de Almeida – *História da Igreja em Portugal*. t. III. Coimbra: Imprensa Académica, 1915, p. 368.

<sup>17</sup> Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, *Aprovação do Paço*, c.n.n.

<sup>18</sup> Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, p. 3.

por Ottavia Niccoli, “ver” significa efetuar uma ação e uma pesquisa por parte de quem observa e, sobretudo, ter uma visão que impõe uma compreensão profunda, uma iluminação que mostra uma verdade evidente, até àquele momento ignorada<sup>19</sup>.

A vertiginosa sucessão de elementos elencados pelo religioso dominicano constituía um artifício literário, e ao mesmo tempo, uma forma de representação que podemos focalizar à luz das sugestões de Umberto Eco, acima referidas. Com efeito, o membro da ordem dos pregadores apercebe-se que pode haver uma espécie de desorientação do seu leitor depois ter seguido as suas rápidas indicações. Não é por acaso que, de imediato, o autor daquela obra labiríntica indica qual teria que ser o percurso do seu raciocínio (discernimento), e adverte: “A verdadeira razão he, que se esta Provincia houvesse de mandar retratar todos os filhos que o merecerão erão poucas todas as rendas do convento para gastar em pinturas”<sup>20</sup>. No trecho seguinte acrescenta: “Alem do que não caberão em todas as paredes delle [do convento] os seus retratos”.

Diante de toda essa perda de orientação causada pelo caleidoscópio de homens e objetos, pela quantidade de dinheiro e de espaços, pelo desequilíbrio entre a reiterada exaltação do fundador e o absoluto silêncio dos homens ilustres da sua família religiosa, o membro da Academia explicita a chave de leitura do ambicioso edifício, esclarecendo a anómala ausência dos expoentes da ordem. Com efeito diz: “Na falta destas pinturas suprem as Coronicas, & a isso mesmo se ordena esta minha pequena obra, que pela mesma razão intitulei: Claustro Dominicano”<sup>21</sup>.

De maneira eficaz o título reúne os membros da ordem dos pregadores que se formaram à sombra dos muros claustrais de São Domingos. Contudo, o icástico título retomava os Estatutos da Academia Real da História, da qual era membro, assim como os objetivos científicos iniciais e fundacionais do instituto onde se cruzavam as linhas de erudição europeia do século XVII e do início do século XVIII. O académico Monteiro retomava expressamente as regras do novo discurso historiográfico elaborado na instituição que, naqueles anos, apresentava as modalidades específicas de composição, publicação e circulação da produção científica. Desta organização é exemplificativo o texto normativo do centro intelectual, intitulado *Systema da Historia ecclesiastica e secular de Portugal que ha de escrever a Academia real da historia portuguesa*, composto pelo teatino Manuel Caetano de Sousa e pelo Conde de Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes<sup>22</sup>. Esse texto abre com análogas metáforas arquitetónicas:

<sup>19</sup> Sobre as modalidades de meditação: Ottavia Niccoli – *Vedere con gli occhi del cuore. Alle origini del potere delle immagini*. Roma-Bari: Laterza, 2011, p. 72-77.

<sup>20</sup> Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, p. 3.

<sup>21</sup> Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, p. 3.

<sup>22</sup> José Silvestre Ribeiro – *História dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal*. T. I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871, p. 169-200.

“Sendo qualquer Historia muy propriamente comparada a hum edificio, convem esta semelhança com muita mais propriedade à que há de escrever a Academia Real da Historia Portuguesa; porque assim como o edificio, sendo huma só obra, he fabricado por muitos Artifices, assim esta Historia há de ser composta por muitos Escritores”<sup>23</sup>.

Na arquitetura monástica o claustro representava o edifício central rodeado por galerias que ligavam ao interior do convento. Era um ponto de articulação de todos os outros espaços da vida da regra. Ao invés de obras arquitetónicas e residências fixas, o livro *Clastrum dominicanum* era mais manuseável, mais facilmente transportável e mais económico. Enfim, podemos entendê-lo segundo uma materialidade interpretada, entre muitos, também por Ana Isabel Buescu<sup>24</sup>. De facto, concebida pelo autor dominicano como uma obra editorial constituída por quatro volumes, este projeto produzia uma tangível expressão de uma instituição que, no decurso do tempo, se ampliava fundando as suas raízes num remoto passado e, em simultâneo, se espalhava geograficamente. Por outro lado, podemos entender essa obra como uma leitura ascensional, composta por diferentes “lanços”: ou seja, por degraus sucessivos, formando escadas entre dois patamares<sup>25</sup>. Como veremos nas próximas páginas, a simbologia ascensional, que alude ao movimento vertical e hierárquico, constitui um elemento muito utilizado em obras como catálogos e taxonomias. Além disso, na ampla simbologia transcendente associada à escada, os mosteiros eram considerados uma espécie de via ascensional para o Reino de Deus, por tal chamados *Scala Dei*, Escada de Deus<sup>26</sup>.

No caso do *Claustro dominicano*, o índice do *lanço primeyro* organizava os assuntos de maneira que os capítulos iniciais consideravam todos aqueles religiosos naturais de Portugal elevados ao grau episcopal, ou escolhidos como confessores, pregadores, teólogos e mestres de Universidades; ou, ainda, com eminentes cargos na corte régia ou nos concílios<sup>27</sup>. A última parte, ao invés, fechava com a ramificada configuração genealógica do seu patriarca<sup>28</sup>. Desta forma, definia a regra “por essência” e “por propriedades”, organizando um sistema de classes e subclasses, de

<sup>23</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 56 e 152.

<sup>24</sup> Focado sobretudo no caso português: Ana Isabel Buescu – *Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na Época Moderna. Uma sondagem*. In Ana Isabel Buescu – *Memória e Poder. Ensaio de história cultural (séculos XV-XVIII)*. Lisboa: Edições Cosmos, 2000, p. 29-48.

<sup>25</sup> O teatino Rafael Bluteau na entrada correspondente, entre os diferentes significados da palavra “lanço” (Extensão, espaço, comprimento de um muro, edifício), retomava o termo latino *Ala-ae* de Vitruvio: Rafael Bluteau – *Vocabulário Portuguez & Latino Aulico, Anatomico, Architecttonico...*, vol. K-N, Lisboa: Pascoal Da Sylva, 1716, p. 35. Por sua parte A. de Morais Silva acrescentava o específico significado estrutural arquitetónico: António de Morais Silva – *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. VI. Lisboa: Ed. Confluência, 1945, p. 141-142.

<sup>26</sup> Jean Chevalier; Alain Gheerbrant – *Dictionnaire des symboles. Mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Robert Laffont/Jupeter, 1982 [1ªed. 1969], p. 384.

<sup>27</sup> Pedro Monteiro – *Claustro dominicano...*, p. 1-319.

<sup>28</sup> Pedro Monteiro – *Claustro dominicano...*, p. 319-336.



maneira que, por um lado, se mostravam as articulações dos dominicanos em muitos âmbitos político-sócio-culturais. Por outro, se evidenciava a extraordinária ligação genealógica que conectava a ordem de São Domingos com a Casa Real. Nesta última parte Fr. Pedro Monteiro desenvolvia uma noção segundo a qual a santidade é um carisma herdado, transmitido sobretudo em algumas famílias privilegiadas. Uma conceção utilizada desde a época medieval pelas ordens mendicantes, afetando distintos territórios europeus e os respetivos soberanos<sup>29</sup>.

No convento de São Domingos de Lisboa um excelente programa visual, que retomava essa ideia, era representado pelas pinturas da sacristia. Ainda hoje aí se guardam duas excelentes árvores genealógicas, realizadas entre final do século XVII e início do século XVIII: a *Árvore Genealógica da Ordem Dominicana, entroncando em São Domingos* e a *Árvore Genealógica da Ordem Dominicana entroncando em Afonso X* que remonta à linha familiar das Casas Reais peninsulares<sup>30</sup>. Sobretudo nesse último exemplo figurativo, a presença de pontífices, arcebispos e bispos, liga-se à organização do *lanço primeyro* da obra de Monteiro.

Uma mais aprofundada leitura iconográfica e iconológica destas obras, permitirá, no futuro, aventar outras conclusões mais específicas e considerar conexões entre implantação visual e estrutura literária. Além disso, poderão evidenciar-se outros elementos compositivos capazes de colocar com maior exatidão a realização dessa galeria de homens eminentes ligados à família dominicana, a qual teve uma especial ligação com a Inquisição nas suas diferentes configurações territoriais<sup>31</sup>. O ano de 1712 talvez seja o marco cronológico mais próximo para a produção das referidas pinturas, considerando ser este o ano de canonização do pontífice dominicano Pio V, Michele Ghislieri (1566-1572)<sup>32</sup>. Entre as mui-

<sup>29</sup> Sobre a concepção “lignagère” da santidade entre época medieval e moderna: André Vauchez – Beata stirps: sainteté et lignage en Occident aux XIIIe et XIV siècles. In *Famille et parenté dans l’Occident médiéval*, Actes du colloque de Paris (6-8 juin 1974). Georges Duby Jacques Le Goff. Rome: École Française de Rome, 1977, p. 397-406; Roberto Bizzocchi – Storiografia e genealogie medievali. In Roberto Bizzocchi – *Genealogie incredibili. Scritti di storia nell’Europa moderna*. Bologna: Il Mulino, 1995, p. 156-187.

<sup>30</sup> Veja-se em particular o trabalho de M. R. Vaz Freire centrado sobretudo na identificação e na descrição iconográfica, compositiva e heráldica desse segundo exemplo pictórico datado nesse estudo entre 1680 e a primeira década do século XVIII (1705): Maria Rita Vaz Freire – *Árvore Genealógica- Pintura a óleo sobre tela*. Trabalho final policopiado, Curso de Especialização Tecnológica em Artes Decorativas Portuguesas. Lisboa: Escola Superior de Artes Decorativas da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, 2001, p. 53 sobre a datação da obra. Outros estudos sobre este espaço: Isabel Mayer Godinho Mendonça – A sacristia de S. Domingos em Lisboa e o património integrado de artes decorativas. In *Dominicanos em Portugal. História, Cultura e Arte, Homenagem a José Augusto Mourão*, op. Coord. Ana Cristina da Costa Gomes e José Eduardo Franco. Lisboa: Alêtheia, 2010, p. 350-377.

<sup>31</sup> Veja-se as entradas *Domenicani* relativas à Itália, Portugal e Espanha, de Giovanna Paolin, José Pedro Paiva, Roberto López Vela. In *Dizionario Storico dell’Inquisizione*. Dir. Adriano Prosperi. Vol. I-IV. Pisa: Edizioni della Normale, 2010, vol. I, p. 498-505.

<sup>32</sup> Entre os muitos exemplos, veja-se: Pedro da Porciuncula – *Sermão da Canonisaçam do Glorioso São Pio V... que celebraram os Religiosos & Religiosas da mesma Ordem da Cidade de Évora no ano de 1713*. Évora: Oficina da Universidade, 1713. Pela situação italiana: Miguel Gotor – La bolla di canonizzazione di San Pio V del 1712 tra agiografia e storia. In *Riti di passaggio, storie di giustizia*. Per Adriano Prosperi. A cura di Vincenzo Lavenia e Giovanna Paolin. Vol. III. Pisa: Edizioni della Normale,

tas iniciativas promovidas durante o governo desse papa-inquisidor<sup>33</sup>, com efeito, numerosas foram as escolhas de confrades recrutados para as hierarquias eclesiásticas, inclusive as portuguesas<sup>34</sup>. Para além desse âmbito ligado às hierarquias episcopais, naquele propiamente inquisitorial a notoriedade do papa era ligada à bula *Si de Protegendis*, emitida em 1569 mas ainda lida durante os séculos XVII e XVIII, em distintos territórios do orbe católico como a Península Italiana e também Portugal ou Brasil, durante momentos específicos de defesa e propaganda dos tribunais da fé<sup>35</sup>. Portanto, quer no interior da ordem dos pregadores quer na estrutura da Igreja, foi uma etapa capital a canonização do pontífice ligado intimamente ao tribunal da ortodoxia católica e a outros aspetos dinâmicos na esfera política, social, cultural e litúrgica<sup>36</sup>. Um momento crucial que poderá lançar nova luz sobre a interpretação destas telas ainda pouco conhecidas no âmbito do património artístico português.

De facto, em comparação com o esplendor das épocas anteriores, as primeiras décadas de Setecentos não foram tempos de particular fulgor para a ordem dominicana em Portugal<sup>37</sup>. Paralelamente às intervenções realizadas no complexo arquitetónico conventual lisboeta no início desse século<sup>38</sup>, investir numa obra literária podia ser uma solução certamente não económica, mas pelo menos mais rápida e eficaz, para (re)construir e revitalizar a memória da família regular que se orgulhava de ascendências ilustres, de membros ativos em diversas instituições e em centros de poder, assim como em momentos estruturantes da história da Igreja e da sociedade portuguesa. Este investimento memorístico significava, além disso, distinguir a própria identidade e a origem perante outras ordens concorrentes, que

2011, p. 149-158; agora em Miguel Gotor – *Domenicana, ovvero la santità inquisitoriale*. In Miguel Gotor – *Santi stravaganti. Agiografia, ordini religiosi e censura ecclesiastica nella prima età moderna*. Roma: Aracne, 2012, p. 71-179.

<sup>33</sup> Maurilio Guasco e Angelo Torre – *Pio V nella società e nella politica del suo tempo*. Bologna: Il Mulino, 2005.

<sup>34</sup> Veja-se *infra*, nota 62.

<sup>35</sup> Paola Nestola, Taxonomias dominicanas italo-ibéricas: entre exaltação de dignidade(s) e proposta de um arquétipo (sécs. XVII-XVIII). In III Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Alcalá de Henares, Junho de 2015, p. 8-9, Online: <http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2016/04/Paola-Nestola.pdf>, consultado em fevereiro de 2017.

<sup>36</sup> Simona Feci – Pio V, santo. *Enciclopedia dei papi*. Roma: Istituto Enciclopedia Italiana, 2002, vol. III, p. 160-180.

<sup>37</sup> Indicações sobre os séculos XVII-XVIII e dados estatísticos das unidades dominicanas: – Frati Predicatori. *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. IV. Roma: Edizioni Paoline, 1977, col. 937. Sobre os patrimónios do clero regular em Europa: Fiorenzo Landi (ed.) – *Accumulation and Dissolution of Large Estates of the Regular Clergy in Early Modern Europe, Twelfth International Economic History Congress*. Rimini: Guaraldi, 1999, em particular o estudo aí publicado: Aurelio De Oliveira – *The Clergy and the Church in Portugal. Goods and Estates During the Early Modern Period*, p. 199-232.

<sup>38</sup> Sobre as intervenções executadas na estrutura dominicana, antes e depois do terremoto de 1755: Manuel Maia Ataíde – Igreja de São Domingos. In *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Vol. V, t. I. Dir. Fernando de Almeida. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa, 1973, p. 125-127; José Meco – O pintor de azulejos Manuel de Santos. Definição e análise da obra. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. III Série. 86 (1980) 3-88: 44-48 e relativas imagens 10-13. Pela sacristia da igreja desenhada pelo arquiteto Marcos de Magalhães em 1664: Vítor Serrão – Marcos de Magalhães. Arquiteto e entalhador do ciclo da Restauração (1647-1664). *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. 89:1 (1983) 271-329.

disputavam entre si a cena político-sócio-religiosa, gravitando em redor dos círculos de poder régio.

Em particular, os clérigos teatinos da Divina Providência tiveram uma função preeminente na sociedade intelectual naqueles anos<sup>39</sup>. Um papel de relevo no âmbito linguístico, nos estudos genealógicos e na história eclesiástica, exercitado por académicos como D. Rafael Bluteau e seus confrades D. António Caetano de Sousa ou D. Manuel Caetano de Sousa<sup>40</sup>. No campo específico da história eclesiástica, é significativa a sua obra *Catalogo Histórico dos Summos Pontifices e Cardeaes, Arcebispos e Bispos Portuguezes que tiveram Dioceses ou Titulos de Igrejas fora de Portugal e suas Conquistas*, impresso pela Academia Real da História, em 1725<sup>41</sup>. Deste último autor teatino é, ainda, um pequeno volume manuscrito, intitulado *Theatro dos varões illustres portuguezes que foram nomeados bispos e não tomaram posse das suas dioceses*, uma relação de nomes, uma lista de prelados organizada alfabeticamente, segundo a toponímia diocesana<sup>42</sup>. Conforme essa organização, o itinerante e culto académico D. Manuel Caetano de Sousa<sup>43</sup> retomava a tradição erudita italiana, ligada ao cisterciense Ferdinando Ughelli, autor de uma vasta obra intitulada *Italia Sacra sive de episcopis Italiae in insularum adiacentium*. Este religioso tinha criado o primeiro programa unitário de história eclesiástica nacional, consagrado às 320 dioceses italianas<sup>44</sup>. Ao mesmo tempo, aquele ambicioso projeto editorial intentava inculcar nos bispos a tomada de consciência da própria dignidade e do território ao qual tinham sido consagrados<sup>45</sup>.

Também de D. Manuel Caetano de Sousa é o *Pantheon Antistitum Lusitanorum sive Lusitania Sacra*, um manuscrito referente ao mesmo assunto, que se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa<sup>46</sup>. Nesse exemplo organizativo é sintomático o termo “pantheon”, o qual se conecta ao monumento construído para receber os restos mortais dos heróis mais ilustres de uma nação, mas também retoma a ideia de edifício: intenções que, como já dito, se encontram nos textos

<sup>39</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 106; Antonio Camões Gouveia – Teatinos. In *Dicionário de História de Portugal*. Vol.: P-V. Dir. Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2001, p. 271-274.

<sup>40</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 155-165.

<sup>41</sup> Vestígios deste texto podem encontrar-se na miscelânea, Cód. 51, na Biblioteca Nacional de Portugal (doravante BNP), Lisboa.

<sup>42</sup> BNP, Cód. 50.

<sup>43</sup> Ana Isabel Buescu – “O Peregrino Instruído”...

<sup>44</sup> Sobre o papel do erudito religioso, autor entre 1644-1662 do volumoso e incontornável modelo de história diocesana italiana como a *Italia Sacra*, completada com as adições de Niccolo Coleti em 1717-1722: Simon Ditchfield – *Liturgy, Sanctity and History in Tridentine Italy. Pietro Maria Campi and the preservation of the particular*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 331-360, 332.

<sup>45</sup> Claudio Donati – Vescovi e diocesi d'Italia dall'età post-tridentina alla caduta dell'antico regime. In *Clero e società nell'Italia moderna*. Ed. Mario Rosa. Roma-Bari: Laterza, 1992, p. 321-389, 359-361.

<sup>46</sup> Vejam-se os dois volumes manuscritos na BNP, Cód. 45 e Cód. 46, *Pantheon Antistitum lusitanorum sive Lusitania sacra hoc est, Chronicon virorum qui in Lusitania rebus ecclesiasticis summo jure praefuere*, sobre as dioceses de Braga, Lisboa, Évora, Coimbra, Guarda, Viseu, Lamego, Porto, Algarve, Leiria, Miranda, Portalegre e Elvas.

normativos da Academia, do ano 1721, onde a história é concebida como uma construção, ou como uma obra singular realizada por muitos artífices. Nesse contexto intelectual faz sentido colocar o papel de Monteiro e particularmente o do seu *Claustro Dominicano*: uma grande obra projetada para exaltação da polivalente função da ordem dos pregadores. Aliás, este propósito apologético estendia-se na defesa do tribunal inquisitorial, elaborada pelo ilustre membro da Academia a partir das primeiras décadas de Setecentos (1721-1725)<sup>47</sup>. Recentemente o ativismo do frade dominicano foi salientado sobretudo como historiador atento à definição interna do Tribunal da Fé com o qual a ordem de São Domingos tinha conseguido um papel privilegiado: uma “umbilical relação” marcada por etapas, nem sempre lineares e harmónicas, segundo as claras linhas individualizadas por José Pedro Paiva<sup>48</sup>. Aquele projeto de exaltação dos membros ‘vestidos de branco’ nas estruturas da Inquisição portuguesa, fundada em 1536, recaía originariamente na vasta implantação do *Claustro dominicano*, ao qual o autor-arquiteto teria dedicado o *lanço segundo*<sup>49</sup>. Contudo, depois da edição de obras específicas e mais aprofundadas como a *História da Santa Inquisição do Reyno de Portugal e suas conquistas* (1749-1750), este desenho apologético de legitimação tornou-se uma defesa autónoma<sup>50</sup>.

O programa celebrativo de Monteiro era muito ambicioso: por um lado, inserido no debate contra o académico franciscano Fr. Manuel de São Dâmaso, representante da concorrente ordem mendicante e com um papel privilegiado na Inquisição portuguesa; por outro, ligado à disputa académica na qual estavam envolvidos os teatinos, ativos autores de história secular e eclesiástica. Nessa dinâmica entre ordens concorrentes, é preciso considerar também a influência que nos círculos da corte teve Fr. Gaspar da Encarnação (1685-1752), franciscano que dirigiu, a partir de 1720, um novo paradigma de nomeação episcopal, com vinculações ao movimento de reforma conhecido como jacobea<sup>51</sup>. A historiografia mais recente salientou este ponto, ao qual podemos acrescentar também que, quando em 1740 foi editada a obra *Claustro Franciscano*, de maneira mais

<sup>47</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 49.

<sup>48</sup> José Pedro Paiva – Os dominicanos e a Inquisição em Portugal (1536-1614). In *Praedicatores, Inquisitores-II Los Dominicos y la Inquisición en el mundo ibérico e hispanoamericano*. Actas del 2º Seminario Internacional sobre los Dominicos y a Inquisición. Sevilla, 3-6 de Marzo de 2004. Ed. Arturo Bernal Palacios. Roma: Istituto Storico Domenicano, 2006, p. 504-573; Giuseppe Marcocci e José Pedro Paiva – *História da Inquisição portuguesa (1536-1821)*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2013, p. 450-451, 547.

<sup>49</sup> Veja-se o programa no Prólogo do *Claustro Dominicano*, e ainda as declarações do jesuíta Manoel de Campos em 26 maio de 1735 no *Elogio Funebre do Reverendíssimo Padre Mestre Fr. Pedro Monteiro Académico da academia Real da Historai Portugueza*. [S.l.]: [s.n.], p. 13-14.

<sup>50</sup> José Pinharanda Gomes – Fr. Pedro Monteiro, O.P. e a História da Inquisição. In *Actas do II Encontro de História Dominicana*, Porto, 1987, t. III, p. 85-126.

<sup>51</sup> José Pedro Paiva – *Os Bispos de Portugal...*, p. 507-522.

direta o autor desta galeria apologética<sup>52</sup> referia o elevado número de prelaturas alcançadas naqueles anos, através do favor de D. João V, pelos membros da ordem fundada por S. Francisco. Em particular, o capucho lisboeta Fr. Apolinário da Conceição dirigia-se na carta dedicatória da sua obra ao soberano e aos leitores com as seguintes palavras:

“Não he menos attendivel o especialissimo amor, com que sempre zeloso trata V. Magestade do esplendor deste Serafico Edifício, porque são inumeraveis as graças com que o faz mais brilhante, e lustroso; e entre as mais com que hoje realça, he o haver-lhe exaltado a sete de seus habitadores, seis a Bispos de distinctas Diocesis, além de dous, que já fallecerão, e a hum, que renunciando as dignidades, que occupava no seculo, e as esperanças quasi certas da Purpura se occultou neste mesmos Claustro, do qual V. Magestade, fazendo eleição para Reformador Geral da Sagrada Ordem Canonica ainda existe no mesmo emprego [...]”<sup>53</sup>

Um testemunho coevo da intervenção régia nas indigitações episcopais e nas hierarquias eclesiásticas, mas também das dinâmicas nas nomeações que orgulhavam a consciência dos confrades, fortalecendo o espírito corporativo daqueles que contribuíam para a memória da própria ordem, como no caso do franciscano Fr. Apolinário da Conceição ou do dominicano Fr. Pedro Monteiro.

Contudo, eram sobretudo os clérigos regulares que, através de escritos de natureza genealógica, participavam como agentes na estruturação dos sistemas de valores culturais e das configurações sociais. Apoiados pelo soberano, eram historiadores-acadêmicos que não reconheciam a produção de cronistas-acadêmicos como Fr. Pedro Monteiro, apesar da utilização, por este religioso, de um aparato documental próprio dos membros da instituição e dos temas que eram impostos por ela <sup>54</sup>. O arquiteto do *Claustro Dominicano* representava algumas das funções mais cultas e prestigiadas conseguidas pela ordem que, da palavra, tinha feito o seu programa fulcral.

Como é evidente no frontispício da obra analisada (Fig.1), Fr. Pedro Monteiro, além de ser membro da Academia Real, era também consultor do Santo Ofício, pregador de Sua Alteza e examinador sinodal de Lisboa. Nas primeiras

<sup>52</sup> Sobre Fr. Apollinario da Conceição: Diogo Barbosa Machado – *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, [rist. Coimbra, Atlântida, 1965] vol. I, p. 430-432; Fernando Félix Lopes – *Coleção de Estudos de História e Literatura*. Vol. I-III. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997, vol. I, p. 151; Federico Palomo – *Conexiones atlánticas: Fr. Apolinário da Conceição – La erudición religiosa y el mundo del impreso en Portugal y la América portuguesa durante el siglo XVIII. Cuadernos de Historia Moderna. Anejo XIII* (2014) 111-137.

<sup>53</sup> Apolinário da Conceição – *Claustro Franciscano erecto no dominio da Coroa Portuguesa ....* Lisboa occidental: Antonio Isidoro da Fonseca, 1740, c.nn.

<sup>54</sup> Sobre estes aspetos, avaliações das quais se afasta com elogios o erudito Diogo Barbosa Machado: Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 146-147.

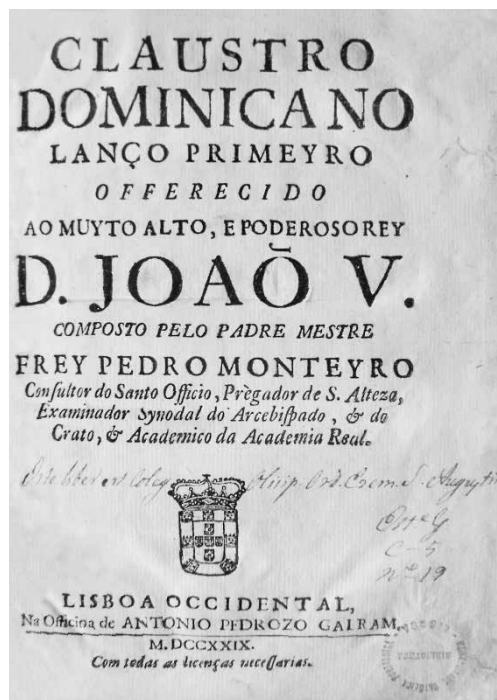


Fig. 1 – Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano*, Lisboa, 1729.

décadas de Setecentos o dominicano tinha mais de sessenta anos<sup>55</sup>; estava envolvido nos círculos intelectuais e nos ambientes claustrais ou monásticos, e por isso era uma atenta testemunha do poder das imagens no sentido pedagógico e edificante. Um meio privilegiado na relação entre Deus e o Homem, implícita no preâmbulo da sua obra. Contudo, na sua operação intelectual não utilizava aparatos iconográficos paratextuais, nem tão pouco outros artifícios funcionais para tornar mais explícitos os conteúdos escritos, não permitindo que o seu texto evidenciasse a sua dimensão mais clara e íntima. No âmbito iconográfico, a obra em análise é sintomática, para além dos estatutos da Academia, de outro aspeto

salientado pela historiografia portuguesa: a austeridade do equipamento decorativo no quadro das representações produzidas para as casas desta ordem religiosa. De acordo com Vítor Serrão, “A Ordem dos Pregadores incidiu a sua atuação privilegiada pela prédica, pela sermonologia e pela palavra escrita, relegando para plano secundário a sua própria afirmação pelas imagens”<sup>56</sup>.

No campo ideológico e cultural a legião dos *Domini Canes* teve uma posição contrária a outras congregações, as quais desenvolveram uma propaganda imagética da sua própria milícia mais eficaz e pormenorizada. No futuro, será interessante aprofundar a questão salientada pelo historiador de arte nos seus contributos dedicados à propaganda figurativa dominicana portuguesa<sup>57</sup>. Um itinerário que poderia ser comparado com o caso espanhol, mas aberto também aos territórios italianos,

<sup>55</sup> Diogo Barbosa Machado – *Biblioteca Lusitana*, vol. III, p. 602-604.

<sup>56</sup> Vítor Serrão – *Pintura e propaganda nos programas artísticos dominicanos em Portugal durante a Idade Moderna*. In *Dominicanos em Portugal. História...*, p. 254-279, 278.

<sup>57</sup> Vítor Serrão – *Pintura e propaganda...* Veja-se também os estudos sobre suportes pictóricos como o de Maria Rita Vaz Freire – *Árvore Genealógica – Pintura a óleo sobre tela...*; e ainda o estudo centrado nos azulejos de outro espaço dominicano: Ana Paula Rebelo Correia – *Azulejos da Igreja de São Domingo de Benfca. Apontamentos Iconográficos*. In *Dominicanos em Portugal. História...*, p. 324-332.

onde a extensa ordem fundada por São Domingos de Gusmão promoveu análogos ciclos narrativos.

De facto, em Portugal, o patriarca dominicano recebeu uma atenção privilegiada na política imagética nos complexos conventuais. De igual modo Fr. Bartolomeu dos Mártires, eminente teólogo e arcebispo de Braga, foi também bastante valorizado iconograficamente, ainda antes de alcançar o título de beato do panteão dominicano nacional, em 2001<sup>58</sup>. Um padrão hagiográfico e iconográfico análogo aplica-se ao confrade e compatriota Fr. Gonçalo de Amarante que, em 1561, alcançou o primeiro nível de canonização. Este expoente da demografia celeste portuguesa é possível identificá-lo no frontispício da *Primeira parte da historia de S. Domingos, particular do Reino e Conquista de Portugal*, impressa em 1623<sup>59</sup>. Essa gravura, realizada em Madrid por John Schorquens<sup>60</sup>, acrescenta valor à importante obra dominicana escrita por Fr. Luís de Cácegas e aumentada pelo seu confrade Fr. Luís de Souza, representando o popular religioso com o título de “santo” (apesar de ser apenas beato), juntamente com outros seis ilustres confrades. Contudo, sobre o elegante pórtico do frontispício onde eram representados os preeminentes membros, destaca-se, no centro, a figura do santo patriarca, o qual encarnava quer a especificidade da sua ordem, quer o padrão ideal na vida religiosa dos seus sucessores. Editada no Convento de São Domingos de Benfica, essa crónica foi uma das fontes incontornáveis usadas por Fr. Pedro Monteiro no século seguinte. O académico manteve uma posição de proximidade crítica com esta categoria de escritos<sup>61</sup>, uma prudência evidente também no seu frontispício, onde apenas avultam as armas reais do mecenas da instituição excluindo aparatos visuais comuns neste tipo de publicações concebidas no interior de uma regra.

No âmbito da pesquisa que apresentamos, é fundamental salientar outro aspecto do *lanço primeiro* do *Claustro Dominicano*, comparado com outras obras coevas de implante histórico. De entre as fontes usadas pelo frade lisboeta, de facto, além das referidas *Chronicas da Provincia* são referenciados alguns textos escritos por autores dominicanos de origem italiana. Em particular o frade português cita a obra em latim de Fr. Vincenzo Maria Fontana, *Sacrum Theatrum Dominicanum*, para

<sup>58</sup> Vítor Serrão – *Pintura e propaganda ...*, p. 262-263.

<sup>59</sup> Além dos diferentes exemplares do século XVII existentes na Biblioteca Nacional de Portugal, veja-se a mais recente edição: *História de S. Domingos por Fr. Luís de Sousa*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Vol. I-II. Porto: Lello & Irmão, 1977.

<sup>60</sup> Sobre algumas especificidades da produção artística desse prolífico gravador holandês originário de Amsterdão, ativo em Madrid entre 1618 e 1630: F. M. de Sousa Viterbo – *A gravura em Portugal. Breves apontamentos para a sua história. Separata da Real Associação dos Arquitectos Civis e Archeologos Portugueses*, (1909), p. 11; Ernesto Soares – *História da Gravura em Portugal. Os artistas e as suas obras*. Lisboa: Livraria Samcarlos, 1971, vol. II, p. 559-561; Elena Pérez Ríos – *Repertorio de grabados españoles en la Biblioteca Nacional*. Madrid: Secretaría General Técnica, 1983, p. 125-129; Blanca García Vega – Schorkens Jan. In *The Dictionary of Art*. Ed. Jane Turner. New York, Grove, 1996, vol. 29, p. 163-164.

<sup>61</sup> Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, carta ao Leytor, c.n.n.

redigir, por exemplo, o perfil episcopal de Fr. Henrique de São Jerónimo, nomeado pelo rei D. Sebastião e confirmado pelo Papa Pio V Ghislieri, em 1567, para bispo de Cochim, sucessivamente promovido ao arcebispado de Goa<sup>62</sup>.

Analisando a obra portuguesa é possível notar a influência da produção historiográfica italiana não só nos exemplos episcopais de meados do século XVI, altura de forte recrutamento dos elementos dominicanos, coincidente com o pontificado do confrade e papa-inquisidor Ghislieri<sup>63</sup>. Ainda no mesmo capítulo<sup>64</sup>, esboçando o perfil de Fr. Jorge Padilla, escolhido em 1598 para a diocese de Città Ducale no reino de Nápoles, Fr. Pedro Monteiro considera o texto de Fontana e também o de Ferdinando Ughelli<sup>65</sup>. Sobre o dominicano Fr. Jorge Padilla, o seu confrade e compatriota Monteiro corrige a referência onomástica que o cisterciense Ughelli a ele fazia na sua monumental *Italia Sacra*, ponto fundamental quer na história eclesiástica italiana, quer na portuguesa<sup>66</sup>, onde surgia erradamente com o nome de “João Gregório de Padilha”<sup>67</sup>. Pelo que pertence à biografia de Fr. Miguel Rangel – bispo de Cochim, consagrado durante o pontificado de Urbano VIII, em 1631, depois da indigitação de Felipe II de Portugal – Fr. Pedro Monteiro utiliza tanto a obra de Fontana, como a de outro erudito confrade italiano, Fr. João Miguel Cavalieri, segundo a fórmula onomástica portuguesa<sup>68</sup>.

Quem eram esses autores da historiografia dominicana? Como se colocam as suas obras na ordem dos pregadores e no contexto da produção das hierarquias eclesiásticas do final do século XVII e início do seguinte?

<sup>62</sup> Sobre Fr. Henrique de S. Jerónimo, de Távora e de Brito: Pedro Monteiro – *Claustro Dominicano...*, p. 45-46.

<sup>63</sup> Durante o pontificado do Papa Ghislieri foram nomeados 3 cardeais dominicanos e até 35 bispos confrades: veja-se – Papato. In *Dizionario degli Istituti di Perfezione*. Roma: Edizioni Paoline, 1980, vol. VI, col. 1151; Michele Miele – Pio V e la presenza dei domenicani nel corso della sua vita. In *Pio V nella società e nella politica del suo tempo*. Coord. Maurilio Guasco e Angelo Torre. Bologna: Il Mulino, 2005, p. 27-48. Para uma específica área do vice reino de Nápoles: Paola Nestola – Vescovi domenicani nelle diocesi di Terra d’Otranto in epoca post-tridentina: ripartizione, origini sociali e cursus honorum. In *In nomine Domini canis. I Domenicani nel Salento e a Copertino tra espansione e declino (secc. XV-XIX)*. Coord. Eugenio Bruno, Mario Spedicato. Trepuzzi (Le): Maffei Ed., 2014, p. 13-34. Sobre o elevado número de escolhas dominicanas neste período nas dioceses portuguesas: José Pedro Paiva – *Os Dominicanos e a Inquisição...*, p. 192.

<sup>64</sup> O capítulo no qual era inserido esse prelado era titulado: *Dos Arcebispos & Bispos que teve a Sagrada ordem dos Pregadores neste Reyno de Portugal, suas Conquistas & terras do Padroado Real. Em que tambem entrão alguns que, sendo Portuguezes, forão Bispos em Reynos diversos*. Pedro Monteiro – *Claustro dominicano...*, p. 1-76.

<sup>65</sup> *Dos Arcebispos & Bispos que teve a Sagrada ordem...*, p. 46-47; Fr. Luís de Sousa insere este “mestre em teologia” no parágrafo dedicado aos dominicanos do convento de Lisboa que “soubirão a grandes Prelacias”: *História de S. Domingos...*, p. 386.

<sup>66</sup> Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 33-34.

<sup>67</sup> Sobre Ioannes Gregorius Padilla, “insignis Theologus”, cf. Ferdinando Ughelli – *Italia sacra sive de episcopis Italiae in insularum adiacentium*. Venetiis: apud Sebastianum Coleti, 1717, vol. I, p. 606.

<sup>68</sup> Segundo Fr. Monteiro este prelado, por um biênio, foi também arcebispo de Goa diversamente do referido pelo confrade italiano Fr. Cavalieri: Pedro Monteiro – *Claustro dominicano...*, p. 55-56; Giovan Michele Cavalieri – *Galleria de sommi pontefici...*, p. 592-593.



### 3. Entre península ibérica e italiana: taxonomias episcopais interligadas

Na economia do presente contributo não podemos aprofundar a análise de todas as obras da *ordo praedicatorum*. Pelo tanto, como que o texto de Fr. Vincenzo Maria Fontana foi recentemente considerado por Margherita Palumbo<sup>69</sup>, centrar-nos-emos num texto italiano pouco conhecido, e que teve uma forte influência sobre o académico português Fr. Pedro Monteiro: a *Galleria de sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi, vescovi dell'ordine de' predicatori*, obra de Giovan Michele<sup>70</sup>, dominicano oriundo de Bergamo.

A *Galleria* – ou *Galaria* como a designa Monteiro – foi editada sob o mecenato de um dos mais ilustres membros da ordem dominicana: Fr. Vincenzo Maria Orsini, bispo de Manfredonia (1675-80), depois de Cesena (1680-86), promovido a arcebispo de Benevento (1686-1724), eleito cardeal (1672), e por fim escolhido como papa, com o nome de Bento XIII (1724-1730)<sup>71</sup>. Na imprensa episcopal deste ativo prelado foram publicados, em 1696, os dois tomos de Cavalieri, confrade e colaborador de Orsini<sup>72</sup>, quando este era titular do enclave pontifício no reino de Nápoles que governou durante 45 anos<sup>73</sup>. As explicações do autor, no prólogo da obra, são sintomáticas para entender as intenções e as finalidades da *Galleria*. Nessa parte inicial do volume, por meio de outras formas de listagem, o autor mostra um quadro da obra verdadeiramente eficaz:

“Servono mio benevolo lettore le gallerie ne' palagi de' Principi per allettare l'occhio curioso de' Forestieri nella veduta di cose, ó per l'arte o per la natura o per la preziosità peregrine; quindi anche Io, dovendo per ubbidire al genio del mio Eminentissimo Arcivescovo Cardinale Orsini, tutto applicato al decoro della dignità pontificia, ed alle glorie della sua domenicana Religione, esporre agli occhi curiosi del Mondo il gran numero de' personaggi della medesima destinati alle mitre, ai pastorali, ed al governo

<sup>69</sup> Veja-se Margherita Palumbo in *Dizionario Storico dell'Inquisizione...*, vol. 2, p. 610. Sobre a obra de Fontana: Paola Nestola, Taxonomias dominicanas italo-ibéricas: entre exaltação de dignidade(s) e proposta de um arquétipo (sécs. XVII-XVIII). III *Simpósio Internacional de Estudos Inquisitoriais – Alcalá de Henares, junho de 2015*, <http://www3.ufrb.edu.br/simposioinquisicao/wp-content/uploads/2016/04/Paola-Nestola.pdf>, online consultado em fevereiro de 2017.

<sup>70</sup> Benevento, stamperia arcivescovale, 1696.

<sup>71</sup> Sobre o episcopado em Benevento de Orsini: Gaspare De Caro – Benedetto XIII. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Roma: Istituto Enciclopedia Italiana, vol. 8, 1996, p. 384-393; e a entrada redigida pelo mesmo autor em *Enciclopedia dei Papi*. Roma: Istituto Enciclopedia Italiana, 2000, vol. III, p. 429-439. Centrado sobre as críticas relações do pontífice Orsini com Portugal e os seus representantes políticos Marco Lattanzi – *Papa Benedetto XIII Orsini*. In *Giovanni V di Portogallo (1705-1750) e la cultura romana del suo tempo, Studi in occasione della mostra Roma Lusitana-Lisbona Romana (1990-1991)*, Sandra Vasco Rocca, Gabriele Borghini, Roma: Argos Edizioni, 1995, p. 499-501.

<sup>72</sup> Sobre a antiga e intensa amizade que unia o teólogo Cavalieri e o futuro pontífice Orsini: Jacques Quéatif; Jacques Echard – *Scriptores ordinis praedicatorum recensiti*. I-III vol. 1719-1723. Paris: Ballard-Simart, 1721, t. II, p. 759-760.

<sup>73</sup> Entre o episcopado pós-tridentino, segundo o juízo de Agostino Borromeo, Orsini foi o prelado que conseguiu aplicar específicos decretos conciliares com absoluta precisão, por exemplo celebrando cada ano o sínodo diocesano: Agostino Borromeo – *I vescovi italiani e l'applicazione del Concilio di Trento*. In *I tempi del concilio. Religione, cultura e società nell'Europa tridentina*. Coord. Cesare Mozzarelli, Danilo Zardin. Roma: Bulzoni Ed., 1997, p. 52.

de' Popoli, e per l'eccellenza della dottrina, e per la radità delle virtù e per la preziosità de' loro meriti, distintissimi; se li ho posti in una Galleria con diverse ordinanze cronologiche: perché possi prenderti piacere in vagheggiargli e deliziare a tuo bell'agio la tua mente nel riflesso delle loro eroiche geste”.

Neste trecho, apesar das longas citações, é evidente que os olhos e o sentido da visão são particularmente estimulados: um convite análogo àquele que o confrade Fr. Monteiro, por sua parte, tinha feito na sua obra anteriormente referida, centrada nos claustros regulares. No caso do dominicano Cavalieri, o autor intentava estimular a tomada de consciência de quem olhava, de maneira que a proposta – aparentemente lúdica – refletia objetivos específicos, alcançando uma tripla finalidade: estética, pedagógica e cognitiva.

1) Finalidade estética: os personagens exemplares apresentados, sendo a materialização do “belo” e do “bom”, suscitavam, em quem sabia observar, um prazer incomparável. Como nas galerias dos palácios, onde se pintavam obras de arte maravilhosas, também nesta obra literária se procurava encantar e distrair, quer os proprietários, quer os leitores, apresentando eclesiásticos nunca vistos, estranhos – poderíamos dizer quase “exóticos” – elencados por grandes quantidades, pelos mais diversos géneros e por territórios, os mais longínquos alcançados.

2) Finalidade educativo-pedagógica: todos aqueles exemplos biográficos deviam elevar os pensamentos até às ilimitadas capacidades produtivas da natureza e ainda mais alto, até ao Criador do Universo. Estes exemplos de prelados deviam suscitar um desejo de emulação, de admiração e de devoção por aquelas figuras, representadas através de uma multidão de ações heroicas. Retomando o título da sugestiva obra de Ottavia Niccoli, todos aqueles frades tinham de ser vistos com o “olho do coração” além dos “olhos da razão”, provocando emoções, estimulando a rezar, formando o imaginário religioso dos frades<sup>74</sup>.

3) Finalmente, um objetivo cognitivo: estes exemplos biográficos, para quem sabia decodificar a mensagem, permitiam uma compreensão mais aprofundada do passado, ligando as pessoas com os acontecimentos. Estas histórias permitiam reconstruir a identidade dos atores, assim como as crenças, os hábitos e as instituições da ordem dos pregadores, por meio de uma clara correspondência dos factos, dos respetivos momentos históricos e dos valores por si representados.

Além destas três finalidades, outros aspetos parecem surgir da complexa obra. De forma análoga ao *Claustro dominicano* de Monteiro, na *Galleria* valor lúdico e apologético confundem-se, mas Cavalieri tinha conseguido transformar a ideia de infinita ramificação em qualquer coisa de compreensível e imitável, criando uma vertiginosa lista que, conectando diferentes elementos, evidenciava a doutrina, os

<sup>74</sup> O. Niccoli – *Vedere con gli occhi...*, p. 85-113.

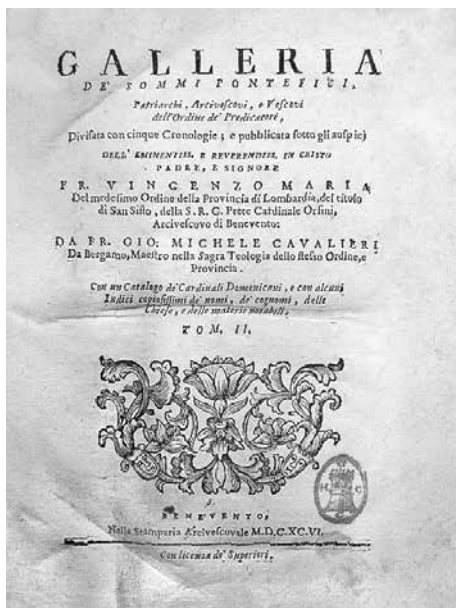


Fig. 2 – Giovan Michele Cavalieri – *Galleria de Sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi e vescovi dell'Ordine de' Predicatori*. Benevento, 1696.



Fig. 3 – Gravura de Francesco de Grado, In Giovan Michele Cavalieri – *Galleria de Sommi pontefici, patriarchi, arcivescovi e vescovi dell'Ordine de' Predicatori*. Benevento, 1696.

méritos, as qualidades, “as heroicas ações” da maravilhosa multidão eclesiástica considerada.

A taxonomia universal e polivalente é uma ideia sugestiva, que podemos aprofundar através da análise da gravura realizada por Francesco de Grado<sup>75</sup>, na abertura do volume de Cavalieri.

Em particular é a força visual dessa imagem (fig. 3) que corrobora a mensagem envolvente expressa na carta dedicatória e nos exemplos biográficos retratados na *Galleria*. Como se pode ver, sobre uma serpentina de nuvens, estão dispostos em ordem ascendente alguns membros da ordem a quem, depois de terem abraçado a regra, foi atribuída a tiara pontifícia, o pálio arcebispal, o báculo ou a cruz patriarcal dupla. Também essa gravura constitui um importante elemento complementar da obra apoiada pelo arcebispo Orsini, e que reúne, ao mesmo tempo, condições escritas e iconográficas. De facto, o aparato visual é um meio imagético que não está presente no volume de Monteiro, mas que identifica quer a *Galleria*, quer outros textos que iremos examinar no contexto da produção eclesiástica italiana.

<sup>75</sup> Sobre o incisor flamengo, ativo em Nápoles no período 1694-1730, particularmente próximo da corte napolitana e ao mesmo cardeal Orsini do qual realizou o retrato em 1724, ano da eleição pontifical: Artemisia Abrami Calcagni – *De Grado*. In *Dizionario Biografico degli Italiani...*, vol. 36, 1988, p. 191-192; Attilio Antonelli – *Cerimoniale del vicereame spagnolo e austriaco di Napoli 1650-1717*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2012, p. 612.

O implante visual da gravura da *Galleria* exemplifica bem como tudo o que está nas margens constitui uma seleção de um conjunto mais vasto, que não se pode enumerar facilmente. É sintomático desse ilimitado agrupamento a sucessão da nebulosa fita representada na gravura, a qual expande o conceito de uma superfície bidimensional, estendida sobre um espaço tridimensional. Através desse artifício gráfico pretendia-se dissipar, talvez, a unívoca imagem do corpo dominicano, cujos membros não eram apenas entendidos como famintos cães da Fé, *Domini Canes*, ligados sobretudo aos tribunais da ortodoxia católica<sup>76</sup>. Além disso a composição alude a uma das figuras do simbolismo ascensional: a escada<sup>77</sup>. Em particular a representação é semelhante a uma estrutura helicoidal, a qual podia fazer referência à *coclea scala*, a escada em caracol, que simbolizava a subida guiada pela ambição e pela ganância. De facto, em 1656, o jurista Alessandro Sperelli, no seu tratado *Il Vescovo. Opera etica, politica, sacra*, na parte relativa à eleição dos bispos se referia a essa tipologia arquitetónica, com essas palavras: “*ascensum tortuosum*, per rivolte, rigiri e negotiati di favori di mezi obliqui, di artifici e d’importune estortioni”<sup>78</sup>. Um tipo de “ascensão” contrário à *schalam vero rectam*, ou seja, o percurso em “elevação” conseguido através das virtudes e méritos, defendido pelo mesmo canonista Sperelli.

No topo da gravura proposta, a presença do Espírito Santo, representado pela pomba envolvida num halo irradiante, parece, contudo, querer anular esse perigoso itinerário dos religiosos para subir aos degraus mais altos da hierarquia. A simbólica composição, fortemente vertical, alude a uma via de comunicação com duplo sentido e com diferentes direções<sup>79</sup>: a via de baixo/alto era percorrida pelos religiosos seguindo o *ascensus*, contrapondo-se à direção alto/baixo da graça do Espírito Santo. A orientação descendente irradiada por esta entidade, derrama-se por toda a composição, iluminando a subida dos personagens representados até às mais altas dignidades. Contribui para clarificar essa leitura a parte superior da imagem, sintetizando o propósito da Divina Providência. Aqui se encontram dois anjos que, com as suas trombetas, anunciam as palavras ostentadas num listel, remetendo para o texto bíblico de Jeremias: “Dar-vos-ei pastores segundo o Meu coração, que vos apascentarão com inteligência e sabedoria” (Jr:3,15). Uma advertência dirigida,

<sup>76</sup> Carlo Longo – *Vulpes et canes*, publicistica domenicana tra riforma e rivoluzione. In *Praedicatores, Inquisitores III, I domenicani e l’Inquisizione romana*. Coord. Carlo Longo. Roma: Istituto Storico Domenicano, 2008, p. 11-31.

<sup>77</sup> Vejam-se os diferentes contributos do volume consagrado ao elemento arquitetónico da escada, estudada num arco cronológico de longa duração e extenso em diferentes contextos sociopolíticos europeus: *L’escalier dans l’architecture de la Renaissance, Actes du colloque tenu à Tours du 22 au 26 de mai 1979*. Paris: Picard, 1985.

<sup>78</sup> Alessandro Sperelli – *Il vescovo. Opera etica, politica sacra, parte prima*. Roma: Giovan Battista e Giuseppe Corvo, 1656, p. 108. Sobre a escada a caracol e suas terminologias: Jean Guillaume – *Le système de l’escalier. Grille d’analyse et vocabulaire international*. In *L’escalier...*, p. 207-216, 209.

<sup>79</sup> Veja-se a entrada *Éscelle* em Jean Chevalier – Alain Gheerbrant, *Dictionnaire des symboles. Mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Robert Laffont/Jupeter. Paris, 1982 [1ªed. 1969], p. 383-387.

sobretudo, ao clero dominicano, o qual, por essas doudas qualidades, se distinguia entre as diferentes regras religiosas.

Esta densa representação suscita outra reflexão: a organização compositiva do dispositivo transcendente, desenvolvida por uma sucessão ordenada de sentido ascensional, iniciava este movimento de serpentina no momento em que o religioso entrava para a regra, recebendo o hábito. As diferentes milícias regulares desde sempre tinham dado uma importância particular à função classificadora das vestimentas. Estas, de facto, retomavam uma maneira de ser e um grau específico na ordem. Ainda no início do século XVIII, as obras do jesuíta Filippo Buonanni, *Ordinum Religiosorum in Ecclesia Militanti Catalogus, Eorumque Indumenta in Iconibus*<sup>80</sup>, ou aquela consagrada pelo mesmo autor ao rei D. João V, *La gerarchia ecclesiastica considerata nelle vesti sagre e civili*<sup>81</sup>, continuava essa tradição implantada sobre as diversas categorias de vestuário: um elemento que identificava os religiosos diferenciando-os através das vestimentas por eles usadas. De acordo com o que foi recentemente salientado, estas “próteses estéticas” simbolizavam uma identidade coletiva, mas também um programa espiritual que se oferecia ao olhar da sociedade<sup>82</sup>. Com efeito, na época moderna no âmbito da esfera religiosa, a cerimónia de tomada do hábito era um rito de passagem importante na vida do noviço<sup>83</sup>; um momento de incorporação ao qual foram dedicados tratados específicos a fim de explicitar esta etapa do ingresso numa regra, tanto do ponto de vista do significado, como do cerimonial litúrgico<sup>84</sup>. A celebração desse “rito de instituição”, retomando a expressão de Pierre Bourdieu<sup>85</sup>, estabelecia um conjunto de cortes, marcando simultaneamente a agregação num novo universo: a rutura espiritual do postulante com a sua vida anterior correspondia ao nascimento do novo homem, regenerado pelo hábito religioso, bem como por um renovado batismo; a rutura espacial com o mundo marcava a inserção total e sem arrependimento no claustro; a rutura social com o enfraquecimento das relações de sangue, substituíam-se pela agregação à família espiritual da nova congregação religiosa.

Como se pode ver na imagem proposta, o ato de tomada do hábito é representado na parte inferior da gravura, mas a dinâmica prossegue num percurso bus-trofélico/ serpenteante ascendente, até aos patamares mais altos da nomenclatura.

<sup>80</sup> Roma, Stamperia Antonio de Rossi, 1706. Este volume foi oferecido ao pontífice Clemente XI.

<sup>81</sup> Roma, Giorgio Placho, 1720.

<sup>82</sup> Dominique Donadieu Rigaut – *Penser en images...*, p. 82.

<sup>83</sup> José Pedro Paiva – Cerimonial eclesiástico en el Portugal del siglo XVII. In *Obradoiro de História Moderna*. 20 (2011) 175-196; José Pedro Paiva – Os mentores. In *História Religiosa de Portugal*. Vol. 2: *Humanismos e Reformas*. Dir. Carlos Moreira de Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 201-237, 201-208.

<sup>84</sup> *Ceremonial Dominicano en el qual se trata de las cosas que conducen al modo uniforme y orden de celebrar los oficios divinos*. Madrid: Viuda de D. Francisco Nieto, 1694, p. 189-196.

<sup>85</sup> Pierre Bourdieu – Los ritos como actos de institución. In *Honor y gracia*. Ed. Julian Pitt-Rivers, John Peristiany. Madrid: Alianza, 1993, p. 111-123.

Aquele simbólico *iter*, além da subida no *cursus honorum*, como já dito, poderia lembrar, por um lado, momentos importantes das liturgias (entre os cheirosos fumos de incenso); por outro, a linguagem dos salmos que referiam a importância dessa simbólica resina<sup>86</sup>. Além dessa interpretação, aquele *iter* sinuoso pode entender-se como ato de incensação, isto é seguindo o *ductus* do sagrado perfume, constituindo um sinal de veneração e de oração pelas silhuetas dos confrades representados, cujas fisionomias eram reconstruídas em pormenor nos medalhões biográficos<sup>87</sup>.

Objetivos pedagógicos e de emulação condensavam-se neste instrumento sinestético, ao mesmo tempo visual e olfativo que, no poder alusivo, didático e mnemônico da imagem sintetizava a ideia de um corpo regular elevado até aos excelsos limites da hierarquia da Igreja Católica. Aliás, esse dispositivo literário refletia um particular aspeto do contexto no qual tinha sido publicado, inserindo-se no específico *tournant* cronológico da literatura sobre a “imagem do bispo”<sup>88</sup>. Com alguma probabilidade constituía uma resposta aos múltiplos ataques sobre a dignidade e o ofício episcopal que, a partir da segunda metade do século XVII, se explicavam em diversos textos, quer no território italiano, quer noutros espaços europeus. Com efeito, na literatura francesa, de acordo com Mario Rosa, por um lado, insistia-se sobre o momento da consagração durante a qual se conferia ao novo bispo uma função ativa no interior da Igreja; por outro, segundo as pesquisas de Alison Forrester, em distintos tratados hagiográficos “the bishops were presented principally as virtuous models of episcopal excellence”<sup>89</sup>. Também na tratadística portuguesa esses aspectos rituais eram postos em relevo, como evidenciou José Pedro Paiva com sugestivas exemplificações, baseando-se no *vademecum* de Lucas de Andrade, *Ações Episcopales* (1671)<sup>90</sup>. Na tratadística italiana coeva à *Galleria* teve muito sucesso o texto de meados do século XVII, do bispo de Gubbio, Alessandro Sperelli, ou aquele editado em 1675, por outro jurista como Giuseppe de Luca. Nessas obras os autores queixavam-se da excessiva presença dos regulares nas estruturas diocesanas, tornando-se hostis aos bispos recrutados entre os religiosos, considerados inadequados às funções do governo pastoral.

<sup>86</sup> Sobre o poder evocativo do incenso: Alain Corbin – *The Foul and the Fragrant: Odor and the French Social Imagination*. Harvard University Press, Massachusetts, 1986, [1ª ed., Paris, 1982], p. 203.

<sup>87</sup> Veja-se *Del modo de incensar el Altar a Visperas y Laudes*. In *Ceremonial Dominicano en el qual se trata de las cosas...*, p. 36; para uma mais ampla interpretação do incenso no âmbito religioso: António Camões Gouveia – *Incenso*. In *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol.: C-I., p. 429-431.

<sup>88</sup> Mario Rosa – *L’immagine del vescovo nel Seicento. Ricerche di Storia Sociale e Religiosa*. 46 (Luglio-Dicembre 1994), p. 49-59, 52 e 55; Mario Rosa – *Tra cristianesimo e lumi. L’immagine del vescovo nel ‘700 italiano*. *Rivista di Storia e Letteratura Religiosa*. 23 (1987) 240-278.

<sup>89</sup> Sobre a produção didática e hagiográfica episcopal elaborada ou impressa em França entre 1600 e 1670: Alison Forrester – *Fathers, pastors ad kings. Visions of episcopacy in seventeenth century France*. Manchester: Manchester University Press, 2004, p. 74-75, 171-213.

<sup>90</sup> José Pedro Paiva – *Os bispos de Portugal...*, p. 98-105.

Portanto, reforçando a ideia da multidão de regulares elevados às prelaturas e contrapondo-se aos coevos tratados jurídicos, o texto iconográfico de Francesco de Grado integrava a obra de Giovan Michele Cavalieri, explicitando de forma direta a forte componente teológica e o sentido dos medalhões biográficos. Estes, por seu lado, salientavam os numerosos elementos do *cursus honorum* necessários para a escolha dos membros da ordem. Ao mesmo tempo o volume propunha modelos específicos no universo do clero regular, e opostos aos padrões comportamentais produzidos por eclesiásticos com uma forte formação em cânones.

O veículo literário de Cavalieri poderia representar outro papel num universo constelado por diferentes regras: uma construção estratégica com função histórico-teológica, necessária para contrastar instituições religiosas coevas, de nova ou antiga fundação, as quais constituíam seminários especializados para futuros bispos. Nesse sentido, na península italiana, uma das comunidades do clero regular mais atenta na formação dos seus membros era a dos clérigos regulares dos teatinos. Apesar de ter sido instituída apenas em 1524, esta congregação teve uma explosão numérica de elementos nomeados bispos, sobretudo nas dioceses do reino de Nápoles. No início do século XVIII (1704), também um texto português evidenciava esse aspeto dessa instituição, que em Portugal era chamada Congregação dos padres da Casa da Divina Providência: “E por este zelo que mostram em servir aos próximos e pellas letras em que tambem florecem, sam em Italia, particularmente no Reyno de Napoles, estimados e promovidos muytos às dignidades episcopaes”<sup>91</sup>. Esse texto não era o único a exaltar o excecional número de padres teatinos promovidos nas hierarquias episcopais. Na extrema península ibérica, inclusivamente o teatino D. Tomás Caetano de Bem, em 1792, nas suas *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada religião dos clerigos regulares em Portugal e suas conquistas na India Oriental*<sup>92</sup>, concluía a sua obra com um catálogo de homens ilustres da congregação: arcebispos e bispos consagrados para as dioceses do fragmentado território napolitano<sup>93</sup>. Na realidade, a tabela episcopal proposta pelo académico português baseava-se na obra italiana *Gerarchia ecclesiastica teatina*, editada em Brescia, em 1745<sup>94</sup>. Contudo, contrariamente à extensa presença dos teatinos nos distintos territórios da Península Italiana, em Portugal e nos seus territórios ultramarinos, a difusão da congregação diferenciava-se por outros méritos missionários. De facto, apesar da influência e da proximidade nos círculos da corte – onde se decidiam as escolhas e nomeações dos bispos –, na série do episcopado lusitano não se encontra nenhum elemento elevado

<sup>91</sup> *História dos Mosteiros...*, p. 122.

<sup>92</sup> A obra em dois tomos foi publicada em Lisboa: Regia Oficina Tipográfica, 1792.

<sup>93</sup> Ivi, p. 69-77, o catálogo baseava-se na tradução da *Gerarchia Ecclesiastica Teatina*, impressa em 1745 em Brescia.

<sup>94</sup> *Gerarchia ecclesiastica teatina*. Brescia: Marco Vendramino, 1745.

a essa dignidade<sup>95</sup>. Inclusive, no caso excecional do teatino D. Manuel Caetano de Sousa, o eminente académico preferiu recusar o prestigioso título quando foi indigitado para a diocese de Funchal, possivelmente para não se afastar dos centros do poder ou da vida intelectual de Lisboa<sup>96</sup>.

Na geografia diocesana do vice-reino de Nápoles, era sobretudo nas sedes episcopais sob a jurisdição dos Habsburgo que os padres teatinos representavam uma presença ramificada e, além do mais, profundamente enraizada em alguns centros diocesanos de médio ou alto estatuto eclesiástico. Ao contrário de outros territórios sob o domínio da monarquia pluriterritorial, já desde o final do século XVI os clérigos teatinos eram preferidos pelos soberanos espanhóis nos mecanismos de nomeação episcopal. Uma escolha favorecida pelo facto de os religiosos representarem expoentes quer de famílias da pequena nobreza napolitana, quer zelosos elementos, bem treinados nas atividades pastorais e na cura das almas<sup>97</sup>.

Para uma mais clara interpretação das obras acima analisadas, assim como para melhor perceber alguns termos externos da defesa apologética do dominicano Cavalieri, podemos focar alguns aspetos geopolíticos da concorrente congregação religiosa instituída por São Caetano da Tiene, juntamente com o rigoroso papa-inquisidor Gian Pietro Carafa, anteriormente bispo de Chieti, de Brindisi e de Nápoles<sup>98</sup>. É necessário considerar que, na primeira metade do século XVIII, o centro de Benevento representava um enclave pontifício no reino de Nápoles<sup>99</sup>, como também o polo de uma vasta jurisdição provincial, onde os prelados das duas milícias tiveram uma diferente mas significativa configuração. Durante o século XVII e até à edição da *Galleria* (1689), os representantes da jovem congregação alcançaram cinco mitras neste amplo território, constituído por 17 dioceses sufragâneas e das quais só uma era de padroado real<sup>100</sup>. Apesar de uma equivalência numérica de cinco nomeações episcopais entre os membros da instituição dominicana e da

<sup>95</sup> Fortunato de Almeida – *História da Igreja em Portugal*. Lisboa: Livraria Civilização, 1968, vol. II, p. 188-189; António Camões Gouveia – Teatinos...; José Pedro Paiva – Os Mentores. In *História Religiosa de Portugal...*, p. 225-235, 229.

<sup>96</sup> Tomaz Caetano de Bem – *Memorias Historicas Chronologicas da Sagrada religião dos clérigos regulares em Portugal e suas conquistas na India Oriental*. Lisboa: Regia Oficina Tipografica, 1792, p. 77; Isabel Mota Ferreira – *A Academia Real...*, p. 197-198.

<sup>97</sup> Mario Rosa – *Religione e Società nel Mezzogiorno fra Cinque e Seicento*. Bari: De Donato, 1976, p. 293; Mario Spedicato – *Il mercato della mitra. Episcopato regio e privilegio dell'alternativa nel regno di Napoli in età spagnola (1529-1714)*. Bari: Cacucci, 1996; para outros estudos: Claudio Donati – *Vescovi e diocesi d'Italia...*, p. 354-355; Paola Nestola – “Un Picciolo Ramo dell’Arbore Teatino” tra l’episcopato di Terra d’Otranto in età viceregnale: distribuzione e iconografica incidenza. *Regnum Dei-Collectanea Theatina*. 67 (2011) 3-60.

<sup>98</sup> Andrea Vanni – «Fare diligente inquisitione». *Gian Pietro Carafa e le origini di chierici regolari teatini*. Roma: Viella, 2010; Massimo Firpo – *La presa di potere dell’Inquisizione romana (1550-1553)*. Roma-Bari: Laterza, 2014.

<sup>99</sup> Aurelio Musi, Benevento tra il sovrano pontefice e il Regno di Napoli: questioni storiche e storiografiche. *Rivista Storica del Sannio*. 2 (1994) 35-45; Maria Anna Noto – *Tra sovrano pontefice e regno di Napoli, riforma cattolica e controriforma a Benevento*. Manduria: Piero Lacaita, 2003.

<sup>100</sup> Avellino, Alife, Ariano, Ascoli Satriano, Boiano, Bovino, Guardia Alfiera, Frigento, Larino, Lucera, Monte Marrano, Sant’Agata dei Goti, S. Severo, Telesse, Termoli, Trevico, Volturno-MonteCorvino. Territórios diocesanos estes que pertenciam às





Fig. 4 – Ignazio Lodovico Bianchi – *Le immagini di alcuni uomini e alcune donne per pietà illustri della Congregazione de' Chierici Regolari*. Venezia, [s.e.], 1768.

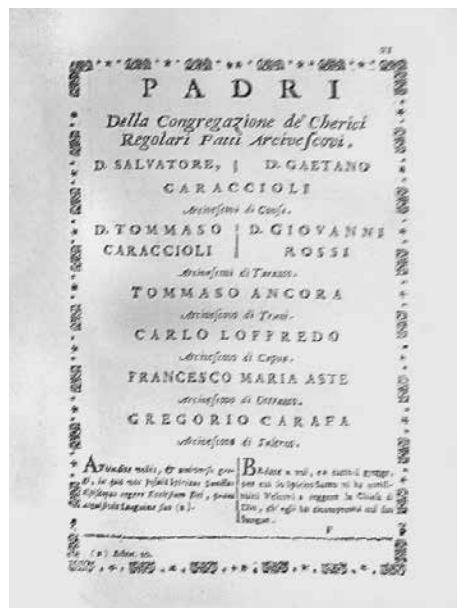


Fig. 5 – Ignazio Lodovico Bianchi – *Le immagini di alcuni uomini e alcune donne per pietà illustri della Congregazione de' Chierici Regolari*. Venezia, [s.e.], 1768.

teatina, o cômputo dos anos efetivos de governo dos 10 prelados é desequilibrado. De facto, no caso dos membros pregadores tratou-se de um exercício efêmero, com poucos meses de titularidade. Exemplificativos são os governos dos bispos Francesco Buratto, titular de Vulturara durante poucos meses de 1623<sup>101</sup>; ou de Biagio Mazzella, transferido da Sé de Strongoli (1655-1663) para a diocese de Sant'Agata dei Goti (1663-1664)<sup>102</sup>. Uma diferença evidente se comparada com os episcopados mais duradouros dos teatinos: Paolo Tolosa, bispo de Bovino (1601-1615); Urbano Zambotti, eleito para Monte Marano (1640-1657); Silvestro d'Afflitto, promovido de Trevico (1640-1643) para Lucera (1643-1661).

A análise da articulação dos clérigos regulares nas sedes do reino napolitano, e com um estatuto semelhante à Igreja de Benevento, revela-se ainda mais interessante para aprofundar o desenvolvimento da jovem congregação. Sobretudo, considerando que a difusão dos prelados dominicanos foi circunscrita aos mesmos

provincias de Principato Ultra e Citra, Capitanata, Terra di Lavoro, Contado del Molise. Ferdinando Ughelli – *Italia Sacra Sive de episcopis Italiae*. Venezia, 1721, t. VIII, p. 3.

<sup>101</sup> Giovan Michele Cavalieri – *Galleria dei sommi pontefici...*, p. 559-560. Recentemente foi sublinhado o papel deste “brilhante” teólogo dominicano, promotor – antes da nomeação episcopal – de um culto local: Miguel Gotor – *I beati del papa. Santità, Inquisizione e obbedienza in età moderna*. Firenze: Olschki, 2002, p. 268.

<sup>102</sup> Giovan Michele Cavalieri – *Galleria dei sommi pontefici...*, p. 620; Marcella Campanelli – *Centralismo romano e “policentrismo” periferico: chiesa e religiosità nella diocesi di Sant'Alfonso de Liguori*. Milano: Franco Angeli, 2003, p. 31.

preeminentes centros diocesanos régios<sup>103</sup>. Em particular, podemos-nos debruçar mais detalhadamente sobre o ramificado organismo teatino através da operação intelectual concebida pelo clérigo Ignazio Ludovico Bianchi, da segunda metade do século XVIII<sup>104</sup>. Na obra do prolífico religioso titulada *Le immagini di alcuni uomini e alcune donne per pietà illustri della Congregazione de' Chierici Regolari*, entre as numerosas gravuras consagradas a esse zelante corpo episcopal, é significativa a tábua 21 (figg. 4/5), que se detém na organização dos titulares de sedes arcebispaís como: Salerno, Otranto, Cápua, Trani, Taranto e Conza<sup>105</sup>.

Estes centros prestigiados, com ampla jurisdição e elevados rendimentos, foram atribuídos a elementos da nobreza reinicola tais como: Gregorio Carafa (1664-1675), Francesco Maria de Aste (1690-1719), Carlo Loffredo (1698-1701), Tommaso Ancora (1635-1655), Tommaso Caracciolo (1637-1667) e Giovanni Rossi (1738-1750), Gaetano Caracciolo (1682-1709) e Cesare Antonio Caracciolo (1765-1776). Como se pode observar na mesma composição iconográfica, aí se encontra presente o símbolo do Espírito Santo, cuja ação – “*Vos Spiritus Sanctus posuit Episcopos regere Ecclesiam Dei*” – é indigitada pela autoridade que se distingue pelos atributos das chaves e da tiara pontifícia. A citação de São Paulo (At:20, 28), indicada pelo sumo-pontífice, incitava os arcebispos mitrados e com o pálio, dispostos na parte inferior da representação, para que tomassem consciência da elevada dignidade alcançada, assim como dos respetivos símbolos e outros sinais dos quais eram revestidos.

Aliás, a dinâmica representação figurativa é explicitada pelo autor da gravura, Ludovico Bianchi que, por meio da correspondente tábua explicativa, conferia uma específica sucessão ao esquema episcopal teatino. A classificação reunia figuras de proeminentes arcebispos, nomeados no período correspondente a 15 pontificados, desde o papa Urbano VIII (1623-1644) até ao papa Clemente XIV (1769-1774)<sup>106</sup>. Deste modo, a disposição gradual dos oito prelados assumia uma forma inacessível à linearidade da palavra e do escrito, fixando relações exatas de longa duração na sincronia da imagem. O grupo representado corresponde em boa parte a religiosos escolhidos após a edição da obra dominicana *Galleria*, porém a legenda da gravura, referindo onomasticamente os arcebispos teatinos, contribuía para a sua

<sup>103</sup> Somente dois dominicanos foram promovidos para prestigiadas sedes de padroado real: Fr. Diego Alvarez, arcebispo de Trani (1607-1634); Fr. Tommaso Sarria, destinado a Trani (1656-65) e depois escolhido para a mais rica Igreja de Taranto (1665-1682); Paola Nestola – Entre península ibérica e vice-reino de Nápoles: bispos dominicanos na época dos Habsburgo. In *Actas do Congresso Internacional “Os Dominicanos no Mundo Luso Hispânico”*. Lisboa, 23-26 de julho de 2014, (no prelo).

<sup>104</sup> Ignazio Lodovico Bianchi – *Le immagini di alcuni uomini e alcune donne per pietà illustri della Congregazione de' Chierici Regolari...*, Venezia, [s.e.], 1768, [2a ed]. Pela análise da obra: Paola Nestola, “Un Picciolo Ramo dell’Arbore Teatino”..., p. 7-13.

<sup>105</sup> Ignazio Lodovico Bianchi – *Le immagini di alcuni uomini...*, p. 21.

<sup>106</sup> Sobre este arco cronológico: Claudio Donati – *Vescovi e diocesi d’Italia...*, p. 352-381.

identificação. Um aspeto corroborado também pelos topónimos referenciados das respectivas dioceses, e que consolidavam a ideia da extensa presença da ordem teatina. Estas eram sedes importantes, e durante o século XVII foram escolhidos alguns dos principais expoentes como Gaetano Cossa, metropolitano de Otranto (1635-1655); e Francesco Pignatelli, titular de Taranto (1683-1703) e depois promovido ao arcebispado de Nápoles (1703-1704). Os dois ilustres membros tiveram cargos de relevo internacional, conforme representa o confrade Bianchi nos perfis que lhes são consagrados na sua obra<sup>107</sup>.

No contexto cultural português era semelhante a consciência desses expoentes italianos da instituição, conforme mostra o catálogo do teatino D. Tomás Caetano de Bem. Na sua obra a organização taxonómica começa com a série dos arcebispos, nomeadamente do metropolitano de Otranto, Gaetano Cossa, indexado juntamente com o seu homólogo sucessor, Francesco Maria de Aste<sup>108</sup>. Os dois prelados eram qualificados como “Primazes nos Salentinos” (província do reino de Nápoles), e abrem a hierarquia episcopal a outros membros da congregação. As obras dos teatinos Caetano de Bem e Ludovico Bianchi permitem aprofundar os propósitos dos textos dominicanos, conotando cumulativa e individualmente, a família dos clérigos regulares nas suas múltiplas funções: assistenciais, caritativas, missionárias, intelectuais, espirituais, inquisitoriais e pastorais. Por seu lado a *Galleria*, apoiada pelo titular de Benevento cardeal Orsini, tinha como principal objetivo o elogio da função episcopal dos seus confrades, elevados aos graus mais ativos na defesa e controlo da ortodoxia católica. A gravura que abre essa obra impressa na importante diocese do vice-reino contribuía para sintetizar os propósitos da taxonomia episcopal, articulando as silhuetas dos religiosos organizados segundo critérios cronológicos, hierárquicos e tipológicos, mas atenuando o papel inquisitorial.

#### 4. Algumas conclusões

O itinerário proposto nestas páginas insere-se no contexto do novo e global interesse pelo papel do clero regular no âmbito religioso, social, político e cultural, tentando manter aberta a comparação entre a produção artístico-literária em vários espaços da Europa do Sul, na Idade Moderna. Ao longo dessa época, entre as constelações de famílias religiosas de antiga ou mais recente instituição, não era estranha a ideia de legitimação da própria milícia, exaltada através da lista dos membros mais ilustres elevados às dignidades eclesiásticas, dos quais as galerias e outros produtos apologéticos constituíam alguns dos exemplos eruditos mais tangíveis, capazes de

---

<sup>107</sup> Paola Nestola – “Un Picciolo Ramo dell’Arbore Teatino”..., p. 36 e 56.

<sup>108</sup> Thomaz Caetano de Bem – *Memorias Historicas...*, p. 70.

evidenciar o número, a qualidade, a variedade e o elevado grau alcançado pelos doutos religiosos.

À luz do preliminar percurso traçado, comparando elencos e listas das famílias do clero regular com projeção transnacional, a sensação é de que seja possível distinguir entre territórios diferentes: por um lado espaços onde circularam elencos eruditos e, por outro, áreas onde surgiram listas iconográficas. Obras classificadoras como o *Claustro dominicano* utilizavam sobretudo o poderoso instrumento da palavra para que as gerações, coevas e futuras, pudessem adquirir um forte sentimento corporativo por uma família antiga, numerosa, prestigiada e itinerante. Ao mesmo tempo o texto comunicava outras mensagens às ordens religiosas concorrentes e aos agentes políticos que intervinham nos mecanismos de difusão, legitimação e promoção dos membros do clero eclesiástico, secular ou regular.

Estes dispositivos intelectuais, não somente lidos, mas também olhados, manuseados e meditados, permitiam a transmissão de formas de racionalidade diversas e concorrentes como a teológica ou a jurídica, modelos visíveis através dos hábitos ou dos gestos representados com diferentes plasticidades. Com efeito, alguns desses textos apoloéticos eram corroborados por elementos paratextuais figurativos, capazes de sugerir eficazes classificações, orientando condutas edificantes. Melhor ainda, estes documentos taxonômicos sugeriam listas iconográficas infinitas: um *et cetera* evidente mesmo quando a representação parece fortemente fechada pelos limites do objeto artístico. Parafraseando Fr. Pedro Monteiro, poderíamos dizer que, para representar todos estes eminentes religiosos, o espaço era insuficiente, até ao ponto de que “não caberão”. É essa a fórmula usada pelo acadêmico dominicano no seu prólogo dirigido ao leitor, possivelmente o rei *Magnanimo*, e com a qual abrimos o preliminar percurso de análise. Na obra do religioso lisboeta a definição da essência da ordem de São Domingos não era elencada através de uma lista de propriedades dos seus membros, mas sim explicitada por meio da hierarquia de gêneros e de espécies, seguindo um modelo de cultura muito madura, pretendendo pôr em discussão todas as definições anteriores. Seguindo esse padrão explicativo, a vertigem inicial aproximava-se do modo como aqueles religiosos eram reconhecidos no dia-a-dia.

Entre os produtos intelectuais que influenciaram a obra do acadêmico dominicano português, sobretudo a italiana *Galleria* evidenciava o elevado número de confrades destinados a gerir, administrar e governar uma diocese. Apoiado pelo arcebispo dominicano da preeminente diocese de Benevento no vice-reino de Nápoles, o texto de Fr. Giovan Michele Cavalieri era corroborado pela força plástica da gravura inicial. Em particular, através de um denso estratagema visual centrado no turbilhão dos confrades elevados aos níveis mais dignos da hierarquia eclesiástica, o iconotexto inicial permitia tornar mais leve a imagem predominante de uma

militância dos seus correligionários nos tribunais inquisitoriais, exaltando os membros que alcançaram uma mitra, um báculo, um pálio, até uma tiara. As silhuetas das dignidades e outros elementos visuais alegoricamente representados diferenciavam a *Galeria* em comparação com o *Claustro Dominicano*. A obra taxonómica portuguesa, concebida em quatro “lanços”, apresentava-se como uma verdadeira construção histórica segundo os modelos coevos, apesar de se basear na historiografia da *ordo praedicatorum*. De facto, tentava inserir-se nos princípios elaborados no âmbito da Academia Real da História, a instituição apoiada pelo soberano D. João V onde os teatinos tinham um papel preeminente, e segundo os quais a memória histórica era uma construção que precisava de um conjunto de peças para edificar os seus edifícios.

Apesar das diferenças, é evidente o sintomático simbolismo transcendente que animou os distintos veículos intelectuais analisados. Organizadas conforme elencos eruditos ou listas iconográficas, estas representações culturais inseriam-se na sociedade assim como nas hierarquias eclesiásticas, incidindo em conjunturas específicas de reposicionamento das ordens religiosas. Para essas instituições da Igreja, de nova ou de antiga fundação, tais produtos culturais constituíam uma intensa ocasião de reflexão identitária: uma construção intelectual orientada para as suas antigas e enraizadas origens, mas aberta a infinitas e universais projeções espaciais.